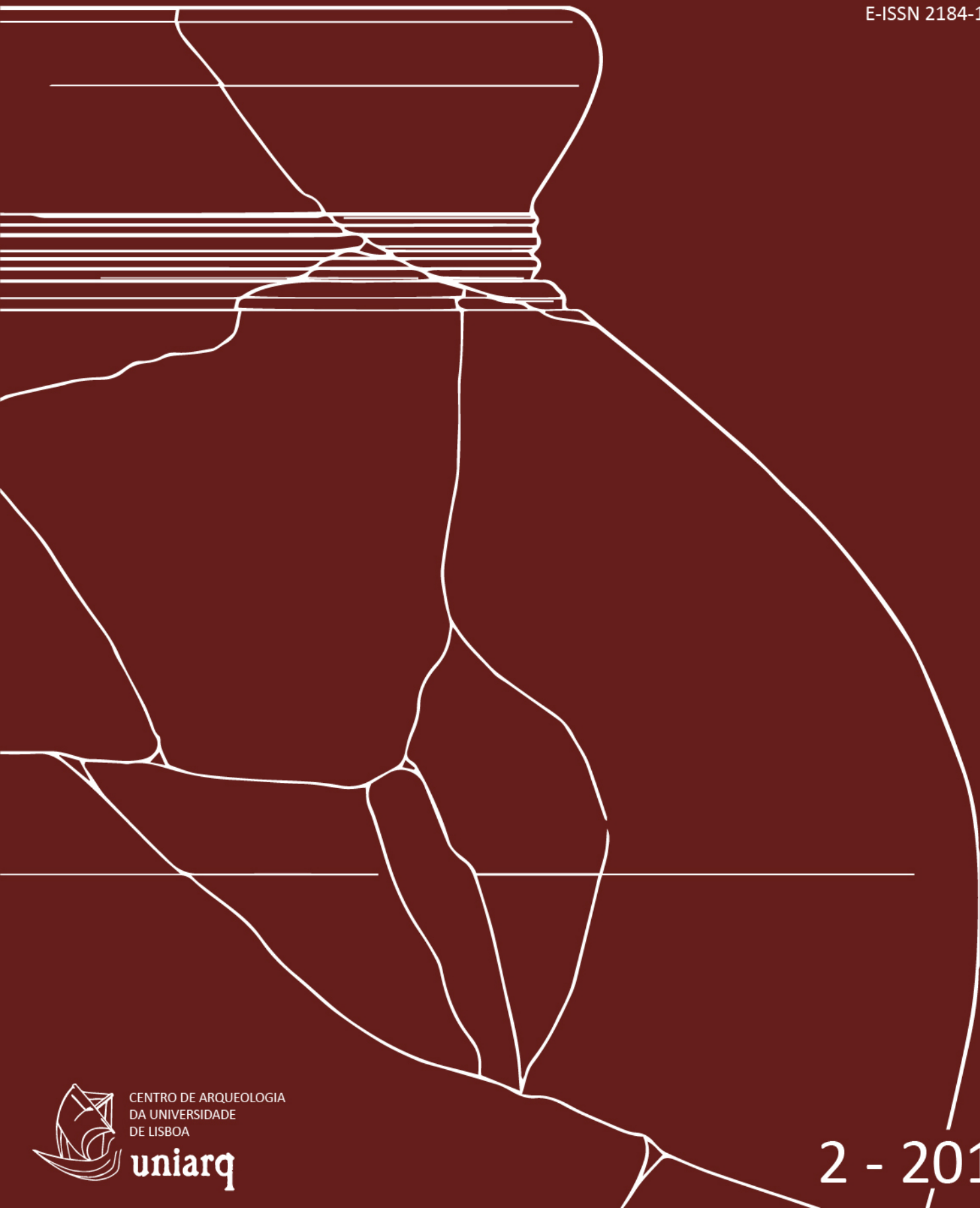


OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X

E-ISSN 2184-173X



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

2 - 2018

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 2 – 2018

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa

Elisa Sousa

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)

Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)

Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)

Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)

Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)

João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)

José Remesal (Universidade de Barcelona)

Leonor Rocha (Universidade de Évora)

Manuela Martins (Universidade do Minho)

Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)

Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)

Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre vaso cerâmico de Camposoto (desenho de António Sáez Romero / Joan Ramon Torres).

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2018

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2018, os autores

Edição:

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.

www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

OPHIUSSA

VOLUME 2, 2018, PÁGINAS 59-74. SUBMETIDO A 30.03.2018. ACEITE A 18.06.2018.

A OCUPAÇÃO DA SERRA DO SOCORRO (MAFRA, TORRES VEDRAS) DURANTE O BRONZE FINAL: A COLECÇÃO DE GUSTAVO MARQUES

LATE BRONZE AGE IN SERRA DO SOCORRO (MAFRA, TORRES VEDRAS): THE GUSTAVO MARQUES'S COLLECTION

ÍRIS DA COSTA DIAS¹

RESUMO

Os resultados das escavações realizadas por Gustavo Marques na Serra do Socorro permaneceram, até recentemente, inéditos. Apenas com a incorporação da colecção deste no acervo do Museu Nacional de Arqueologia, que incluía o seu caderno de campo, foi possível compreender a natureza dos trabalhos.

Na Serra do Socorro, Gustavo Marques realizou quatro sondagens de onde recolheu um conjunto considerável de materiais de diversas cronologias. Dessas, destaca-se a Sondagem III, para a qual os dados materiais e os esquemas do caderno de campo parecem indicar uma área com níveis conservados do Bronze Final, situação inédita neste sítio. O estudo do conjunto permitiu ainda confirmar aquilo que vem sendo admitido para esta importante estação arqueológica, o facto de ter assumido um papel de centralidade na malha de povoamento regional durante a transição do II para o I milénio a.C.

Palavras-chave: Bronze Final; Península de Lisboa; Povoamento; Cultura Material.

ABSTRACT

The results of the excavations carried out by Gustavo Marques at Serra do Socorro have remained, until recently, unpublished. Only with the incorporation of his collection at the Museu Nacional de Arqueologia, that included his notebook, it was possible to understand the nature of his work.

At Serra do Socorro, Gustavo Marques excavated in four distinct areas where he collected a considerable set of artifacts from various chronologies. The named Sondage III stands out, for which the ceramic data and the drawings from his notebook seem to indicate an area with preserved levels of the Late Bronze Age, unprecedented situation for this site. The analysis of the artifacts allowed to confirm what has been admitted to this important archaeological site, the fact that it has assumed a central role in the regional settlement network during the transition from the 2nd to the 1st millennium BC.

Keywords: Late Bronze Age; Lisbon Peninsula; Settlement; Material Culture.

1. INTRODUÇÃO

A ocupação proto-histórica da Serra do Socorro é conhecida desde a primeira metade do século passado, tendo sido sucintamente referida desde então em diversos trabalhos que se debruçaram sobre a Proto-história da Estremadura.

A primeira referência deve-se ao Padre Eugénio Jalhay, que, em 1946, publicou “O Monumento Pré-Histórico do Casal do Zambujal” (1946). Neste trabalho associou a ocupação da Serra do Socorro a outras estações arqueológicas da faixa litoral entre o Sado e o Mondego, que, sem fundamentar essa associação, atribuiu cronologicamente à Idade do Bronze.

Porém, a primeira escavação foi somente realizada na segunda metade do século XX, pelo Arq. Gustavo Marques. Embora até há pouco tempo se desconhecesse o registo por ele realizado, com a incorporação da colecção de Gustavo Marques no Museu Nacional de Arqueologia em 1997, foi possível confirmar e compreender a natureza dos trabalhos por ele desenvolvidos. A primeira abordagem ao conjunto artefactual materializou-se no trabalho de síntese publicado por Carla Matias (2004), ainda que nesse mesmo trabalho não conste a informação reproduzida no caderno de campo de Gustavo Marques.

Todavia, o registo por ele elaborado não permite solucionar todos os inconvenientes, pois recolheu materiais de distintos âmbitos cronológicos que denunciam uma longa diacronia de ocupação, a qual se estende desde a Idade do Bronze até à actualidade, embora com alguns hiatos aparentes.

Neste trabalho optámos por focar a atenção nos artefactos atribuíveis à fase final da Idade do Bronze. Pesou nesta decisão o facto de, para a área da Península de Lisboa, o estado da arte revelar-se ainda relativamente incipiente, quando comparado com outras.

Apesar do considerável número de sítios do Bronze Final identificados na Estremadura, a maioria foi classificada com base em recolhas antigas vítimas de consideráveis constrangimentos metodológicos.

Até à data, foram escassos os trabalhos de escavação sistemáticos sob a égide das novas metodologias, o que tem contribuído fortemente para o constrangimento da leitura e interpretação dos sítios identificados.

Outro aspecto a lamentar é o historial de destruição de algumas estações arqueológicas na Estremadura, de que é exemplo o caso da

Tapada da Ajuda ou da área adjacente ao *Tholos* do Barro. Estes resultaram, entre outros interesses, da pressão demográfica característica desta região, a qual continua a ser palco de confluência desde o Passado, devido às favoráveis condições naturais que convidam as comunidades aí a fixarem-se.

Apesar do exposto, alguns sítios intervencionados recentemente proporcionaram novos dados, que, dotados de um registo rigoroso e de um enquadramento contextual adequado, têm permitido novas leituras acerca das dinâmicas culturais e sociais das comunidades do Bronze Final na Península de Lisboa.

É evidente que na área geográfica em apresso a malha de povoamento durante o Bronze Final é divisível em duas estratégias distintas. Por um lado, verificam-se povoados situados em cotas elevadas delimitados por aparelhos pétreos ou taludes (sejam naturais ou artificiais) e, por outro, os designados “povoados abertos” que se parecem circunscrever a zonas de vertente ou planície.

Conquanto não se pretenda discordar de um modelo de povoamento hierárquico entre estas duas modalidades de implantação (Cardoso 2004), devemos admitir que outras possibilidades devem ser consideradas.

Efectivamente, os sítios de altura caracterizam-se pelo acesso condicionado devido à própria configuração do terreno, aliados ainda à presença de afloramentos rochosos que delimitam os espaços habitáveis. Por outro lado, nas zonas próximas às margens do Tejo, as comunidades do Bronze Final parecem ter-se fixado em sítios sem condições de defensabilidade natural. De facto, a morfologia do próprio terreno parece ter influenciado esta dicotomia do povoamento (Sousa 2016), pois zonas de maior irregularidade apresentam tendencialmente um maior volume de sítios de altura.

Além desse factor, embora se pretenda ver em determinados artefactos elementos diferenciadores da rede de povoamento, como os artefactos metálicos ou a cerâmica com decoração brunida, convém referir que nos sítios da Rua das Alcássimas (Cardoso 2016/17), Abrunheiro (Cardoso 2010/11), Moinho da Atalaia (Pinto – Parreira 1978), Praça da Figueira (Silva 2013), Quinta do Marcelo (Barros 1998) e Quinta do Percevejo (Barros – Santo 1991) foram registados elementos cerâmicos com essas mesmas características.

A identificação de elementos de moagem e denticulados, tidos também nessa discussão, têm sido também documentos em povoados de altura,

como na própria Serra do Socorro (Dias 2017: 77), ou no Cabeço de Alcainça (Ponce 2012: 65). Ainda que remetam para conjuntos relativamente reduzidos permitem intuir não só uma exploração agrícola próxima, como também a transformação desses cereais para consumo.

Reparamos, pois, que ditos elementos diferenciadores podem surgir quer nos aglomerados de altura quer nos de cotas mais baixas, sublinhando-se a necessidade de um maior investimento na investigação do Bronze Final na área da Estremadura, conjugando os dados de intervenções recentes com os de recolhas antigas que se encontram ainda por estudar, de forma a estabelecer leituras mais substanciadas sobre as funcionalidades dos espaços ocupados entre o final do 2º e início do 1º milénio a.C.

2. A SERRA DO SOCORRO E AS ESCAVAÇÕES DE GUSTAVO MARQUES

A Serra do Socorro localiza-se administrativamente nas freguesias de Enxara do Bispo, em Mafra, e Turcifal, em Torres Vedras, no distrito de Lisboa (Fig.1 e 2), com as coordenadas 39º 00' 45"N, 0º 04' 27" W (*Datum* WGS84).

Implantada numa zona caracterizada por vales e relevos de reduzida altimetria, a Serra do Socorro destaca-se bem na paisagem. Com cerca de 396 m de altitude, constitui o ponto mais elevado do concelho de Mafra, reunindo condições propícias a um controlo eficaz da paisagem em toda a envolvente. Com efeito, é possível visualizar, a Oeste, o Oceano Atlântico, a Noroeste, as Berlengas, a Nordeste, a Serra de Montejunto, a Este o Rio Tejo e a Sul a Serra de Sintra.

A Serra tem um formato ovalado, está orientada a SW-NE, com um comprimento máximo de, sensivelmente, 400 por 150 m na plataforma superior.

A nível geológico corresponde a uma formação basáltica de origem vulcânica, a par de outros sítios arqueológicos próximos, como o Moinho das Mariquitas (Monteiro- Cardoso 2016), o Penedo do Lexim (Sousa 2010) e o Cabeço de Alcainça (Ponce 2012).

Relativamente a recursos hidrográficos, a tradição popular indica a existência de minas de água nas encostas da Serra do Socorro, surgindo na bibliografia menção a uma fonte natural de água que se encontrava coberta por uma laje. Aliás, as *Memória Paroquiais de 1758* referem especificamente que: "Não tem lagoas, fojos, mas [tem] muitas fontes de

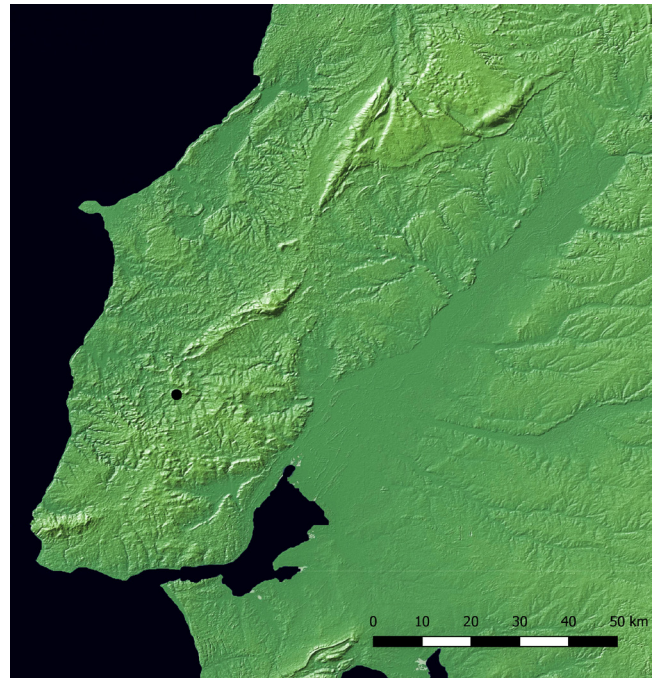


Fig. 1 - Localização da Serra do Socorro.

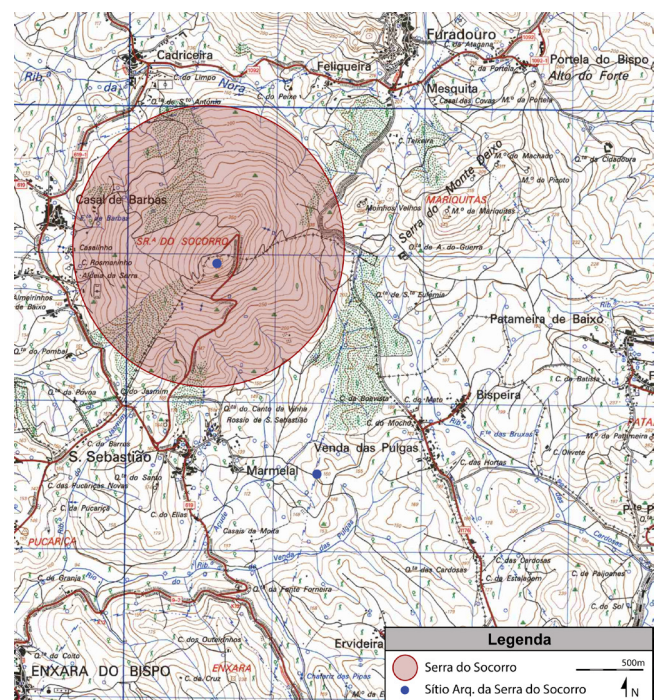


Fig. 2 - Carta Militar com indicação do sítio arqueológico da Serra do Socorro.

muita água" (*Op. cit.* Gorjão 1997: 326).

Na encosta Sul são actualmente visíveis duas fontes de água em funcionamento. É, portanto, evidente a abundância de recursos hídricos na Serra do Socorro, factor inerentemente associado a outros

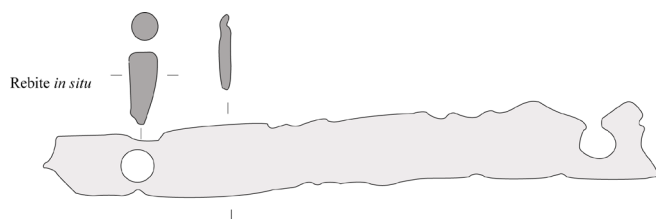


Fig. 3 - Lâmina recolhida por G. Marques (*Adaptado de G. Marques, sem escala*).

recursos biológicos essenciais para a instalação de comunidades no local.

Nascido no ano de 1929 em Lisboa, Gustavo Marques, Arquitecto de profissão, desenvolveu trabalhos de escavação na Serra do Socorro que, a par do que se verificou em outros sítios arqueológicos por ele intervencionados, foram realizadas sem autorização da tutela (Cardoso 2010-11a: 36).

Sem que nunca tenham sido por ele publicados esses trabalhos, as actividades desenvolvidas no local só foram dadas a conhecer após a aquisição do seu caderno de campo por parte do Museu Nacional de Arqueologia no ano de 1997, um ano após a sua morte, tendo servido de base à contextualização do conjunto cerâmico aqui discutido. Contudo, a menção a um pequeno conjunto cerâmico no catálogo da exposição sobre a Idade do Ferro realizada em 1994 no Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz, permitia prever que o autor teria realizado recolhas na Serra do Socorro ainda antes da aquisição do seu manuscrito pelo Museu Nacional de Arqueologia (Marques 1994: 66).

Nas páginas do caderno de Gustavo Marques constam breves apontamentos, esquemas e alguns desenhos de peças.

O primeiro apontamento remonta ao dia 16 de Agosto de 1973. O autor descreveu a paisagem desde

o topo daquela atalaia, destacando alguns pontos de referência, como a Serra de Montejunto e Sintra. Prospectou a área, identificando alguns troços de estruturas paralelas na zona Norte, avançando que poderia tratar-se de habitações de planta ortogonal. Realizou o registo fotográfico da muralha e recolheu algum material do qual destacou as cerâmicas de “Tipo Alpiarça”.

Motivado pelos evidentes vestígios arqueológicos encontrados, Gustavo Marques realizou, no mesmo ano, algumas sondagens na zona Sul, sob indicação de Leonel Trindade.

Na Sondagem I identificou cerâmicas de diversas cronologias e um artefacto metálico, entretanto desaparecido, restando apenas o desenho de Gustavo Marques (Fig. 3). A peça parece corresponder a uma lâmina de bronze, ou de cobre, que conservava um rebite num extremo e o orifício onde se terá fixado o rebite oposto, no outro extremo.

Na Sondagem II, intervencionada em 1980, Gustavo Marques identificou cerâmicas que associou à Idade do Ferro, com as quais estabeleceu paralelos com os materiais de Santa Olaia. Estranhámos, em certa medida, o silêncio acerca dos resultados obtidos nestas duas sondagens, pois o autor não nos deixou mais que estas indicações. Parece-nos provável que, com o passar do tempo, se tenham perdido algumas páginas do seu caderno, motivo que justificaria a desigualdade de informação acerca das sondagens.

Da Sondagem III, do mesmo ano da sondagem anterior, desenhou um corte estratigráfico (Fig. 4), no qual representou uma camada de greda (argila amarelada) directamente assente no afloramento. Não é improvável, observando os desenhos por ele realizados, que o afloramento tenha sido afeiçoado, pois apresenta uma superfície bastante regular e o próprio admitiu a possibilidade de essa camada

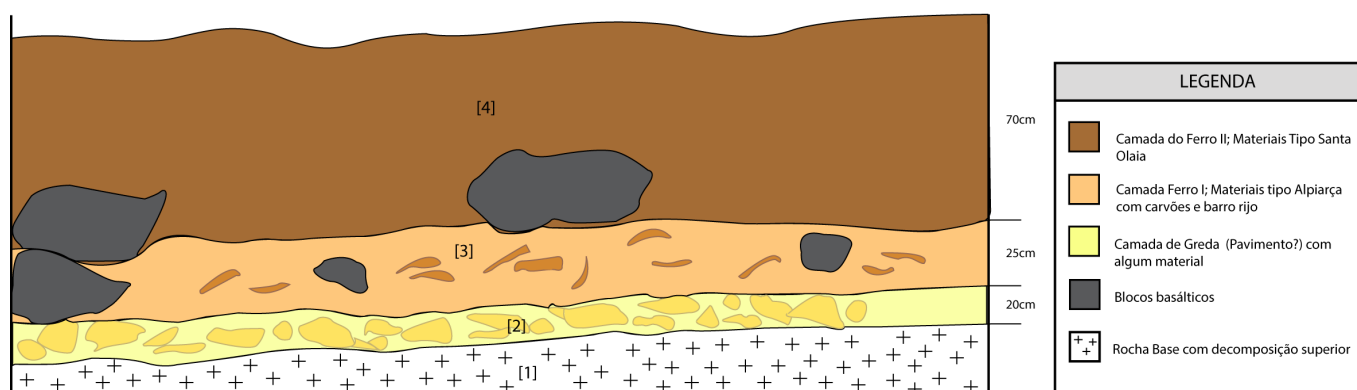


Fig. 4 - Corte da Sondagem III (*Adaptado de G. Marques*).

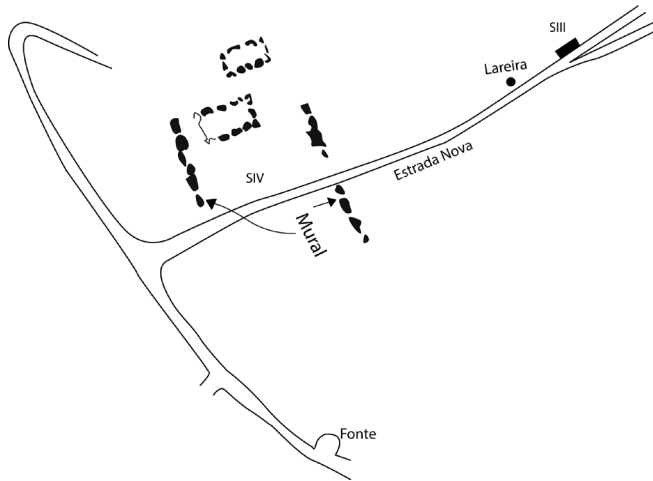


Fig. 5 - Esquema de implantação das Sondagens III e IV (Adaptado de G. Marques).

de barro corresponder a um solo ocupacional. Mais informou Gustavo Marques que, sobre a dita camada de argila amarelada, foram recolhidas cerâmicas e também carvões, que relacionou com a utilização desse pavimento. Na camada [3], os materiais que recolheu estavam, segundo o próprio, associados a uma ocupação da I Idade do Ferro, identificando também carvões e abundante argila castanha, que poderia corresponder ao que restou das paredes das habitações.

A realização da sondagem IV, de maiores dimensões, ocorreu numa zona próxima à sondagem III e junto ao novo acesso à serra (Fig. 5). Infelizmente não consta no seu caderno de campo a data de intervenção desta área nem quando terá concluído aí os trabalhos.

No entanto, neste caso concreto, a implantação da sondagem foi incentivada pela detecção de alinhamentos pétreos, compostos por blocos basálticos de consideráveis dimensões, que careciam de um diagnóstico. Por se tratar de uma área ampla e entusiasmado pela identificação de estruturas, Gustavo Marques abriu, então, uma área desafogada. Não deixou constância das dimensões reais das sondagens realizadas, porém, quer as descrições no caderno de campo quer as escalas dos desenhos, isso obrigam a intuir.

A última entrada do caderno de campo remonta ao dia 8 de Junho de 1980, no entanto, sabemos que o investigador continuou as intervenções, pelo menos, até ao ano de 1989. Esta situação traduz-se no actual desconhecimento de outros contextos e materiais por ele identificados e recolhidos.

3. MATERIAIS

O conjunto em análise das escavações de Gustavo Marques é particularmente proveniente, além de algumas recolhas de superfície, da Sondagem I e da Sondagem III.

Apesar de desconhecermos a localização de parte do conjunto recolhido por Gustavo Marques, a colecção depositada no Museu Nacional de Arqueologia permitiu a identificação de 81 bordos e sete bases planas. Desses, 48 são provenientes da Sondagem I e 38 da Sondagem III. Para os restantes fragmentos não foi possível identificar o contexto de recolha, pelo que assumimos corresponderem a recolhas de superfície.

As produções são integralmente locais/regionais, sobressaindo a semelhança com as pastas de outros sítios arqueológicos contemporâneos e geograficamente próximos, como o Cabeço de Alcainça e o Penedo do Lexim (Ponce 2012: 54). Não obstante a uniformidade dos fabricos, identificaram-se alguns casos excepcionais. É o caso dos recipientes de maiores dimensões que apresentam, geralmente, pastas mais porosas e inertes de maior dimensão.

O ambiente de cozedura é tendencialmente redutor, ainda que algumas irregularidades nos processos de fabrico tenham proporcionado ambientes de cozedura oxidantes em algumas peças. A partir da análise das pastas foi possível identificar alguns elementos ferrosos, característicos das argilas basálticas, e em algumas peças é evidente a presença de biotite e moscovite, nódulos de argila, arenito e o quartzo está presente em todo o conjunto.

Relativamente à caracterização tipológica dos recipientes, foi possível distinguir cinco grupos morfo-funcionais, que se inscrevem bem nos quadros pré-estabelecidos para outras estações sincrónicas, nomeadamente o de João Luís Cardoso e Inês Mendes da Silva, para a Tapada da Ajuda (Cardoso - Silva 2004), o de Raquel Vilaça, para a Beira Interior (Vilaça 1995) e ainda o de Luis Berrocal-Rangel e António Carlos Silva, para o Castro dos Ratinhos (Berrocal-Rangel - Silva 2010), que foram posteriormente subdivididos com base na caracterização morfológica dos recipientes.

A primeira forma inclui as taças de perfil simples (Fig. 6: SOS.024; SOS.026; SOS.028; SOS.032; SOS.039; SOS.075; SOS.079; SOS.087), com diâmetros que variam entre os 12 e os 30 cm. Uma peça corresponde a um recipiente aberto de perfil hemisférico pouco profundo, outros três têm as paredes rectas de perfil troncocónico, correspondendo quatro a taças em calote.

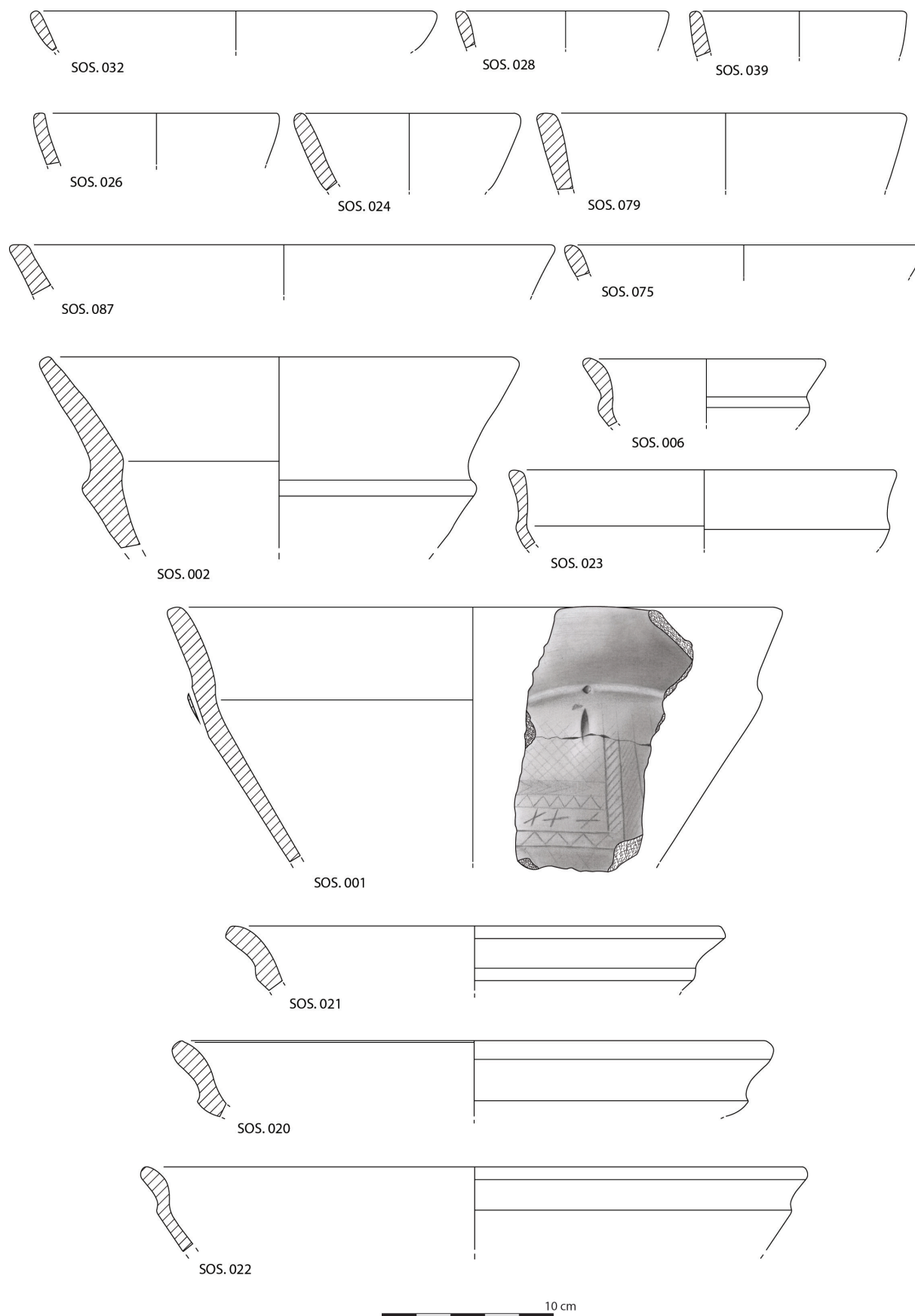


Fig. 6 - Conjunto cerâmico do Bronze Final da Serra do Socorro (taças simples e taças carenadas).

Nestes casos, as pastas são bastante homogêneas, compactas e denunciam ambientes de cozedura redutores seguidos de um arrefecimento oxidante. Os elementos desgordurantes são abundantes, de pequenas dimensões e encontram-se bem distribuídos. O tratamento de superfície da face externa é, para a maioria das peças, o alisamento e, em três, as paredes foram polidas. Relativamente à face interna, o número de peças impermeabilizadas, com recurso ao polimento, brunido e aplicações de aguada, é igual às alisadas. Esta situação estaria muito provavelmente associada a uma maior necessidade de recipientes de contenção de líquidos.

As taças carenadas representam 20% do conjunto com atribuição tipológica (Fig.6: SOS.001; SOS.002; SOS.006; SOS.020; SOS.021; SOS.022; SOS.023). Este grupo compreende recipientes com diâmetros entre os 14 e os 38 cm e pode ser dividido em taças de carena simples e de ombro, predominando a segunda, com sete exemplares, enquanto as carenas de perfil simples estão representadas por apenas quatro fragmentos.

As argilas e processos de cozedura são idênticos às taças simples, com pastas compactas, bem depuradas e abundantes desgordurantes de reduzidas dimensões, bem calibrados entre si. O alisamento da superfície externa é maioritário, identificado em seis fragmentos, estando outros quatro polidos e apenas um ostenta um tratamento mais cuidado, evidenciando uma superfície brunida. Quatro apresentam as superfícies internas impermeabilizadas mediante as técnicas antes referidas e sete foram apenas alisadas.

Pertence a este grupo morfológico o único fragmento com decoração da colecção de Gustavo Marques (Fig. 6, SOS.001). Trata-se de um fragmento de uma grande taça carenada, com a típica decoração brunida na face externa da peça. O bojo do recipiente apresenta molduras preenchidas com motivos decorativos diversos (em X, em linhas oblíquas e em ziguezague). No interior das duas bandas estruturantes verificam-se três faixas preenchidas por cruces, motivos em ziguezague e em espiga (de baixo para cima). Entre a faixa preenchida por espigas até, sensivelmente, à zona da carena, a peça apresenta um reticulado que se vai desvanecendo sem que se perceba quando terminaria originalmente a decoração.

Tanto as taças de perfil simples como as taças carenadas são características da fase final da Idade do Bronze, estando documentadas em todos os sítios conhecidos na área da Península de Lisboa,

nomeadamente no Cabeço de Alcainça (Ponce 2012: Tabela 4), no Castelo dos Mouros (Cardoso 1997-98a: 173), no Castelo da Amoreira (Boaventura – Pimenta – Valles 2013: 400), no Castro do Amaral (Pimenta – Mendes 2010-11: 611), na Alcáçova de Santarém (Arruda – Sousa 2015: 179), na Penha Verde (Cardoso 2010-11b: 584-586), na Tapada da Ajuda (Cardoso – Silva 2004: 236-250), na Praça da Figueira (Silva 2013: Fig. 6, 8 e 14), na Quinta Nova de Santo António (Neto *et al.* 2013: Fig. 15), no Abrunheiro (Cardoso 2010-11a: 55, 63), na Gruta do Correio-Mor (Cardoso 2003: 255-256), na Moita da Ladra (Monteiro – Pereira 2013: Fig. 32), na Rua das Alcássimas (Cardoso 2016-17: 535, 543), no Cabeço do Mouro (Cardoso 2006: 36), entre outros.

O grupo dos Grandes Recipientes foi definido com base no diâmetro de abertura do bordo. Esta divisão pretendeu seguir os critérios apresentados pelos autores do Museu do Homem, que admitem, para os recipientes abertos com diâmetros a partir dos 40 cm, a designação de “*Bassin*” (Balfet *et al.* 1983: 13). Refira-se ainda que a nomenclatura de “*Bacias/Alguidares*” havia sido adoptada por Carlos Oliveira, no trabalho que dedicou aos níveis proto-históricos de Castro Marim (Oliveira 2006: 44). O único recipiente documentado no conjunto de Gustavo Marques que se inscreve nestes critérios apresenta paredes de tendência vertical e lábio aplanado (Fig. 7: SOS.051).

A pasta é muito porosa, sólida e com inclusões moderadamente distribuídas de pequena, média e grande dimensão (1 a 5 mm). A tonalidade é cinzenta escura e a superfície acastanhada, evidenciando um ambiente de cozedura redutor e arrefecimento irregular. É portanto evidente um fabrico mais grosseiro na produção deste recipiente quando comparado com as formas precedentes, diferenciação que se estende à própria funcionalidade. Já foi admitida, para as taças de perfil simples e carenadas, uma utilização no consumo de líquidos e sólidos, enquanto estes recipientes, de grandes dimensões e fabrico mais “tosco”, poderiam estar associados à confecção de alimentos, higiene ou à armazenagem (Oliveira 2006: 44). Também na Praça da Figueira (Silva 2013: Fig. 10), na Gruta do Correio-Mor (Cardoso 2003: Fig. 56-57) e no Cabeço do Mouro (Cardoso 2006: Fig. 9, nº2) foram identificados recipientes morfológicamente análogos.

Além dos contentores já descritos, foram ainda individualizados três bordos de recipientes de pequenas dimensões com diâmetros compreendidos entre os 7 e os 8 cm de abertura (Fig. 7: SOS.045; SOS.046; SOS.047). Apresentam um fabrico

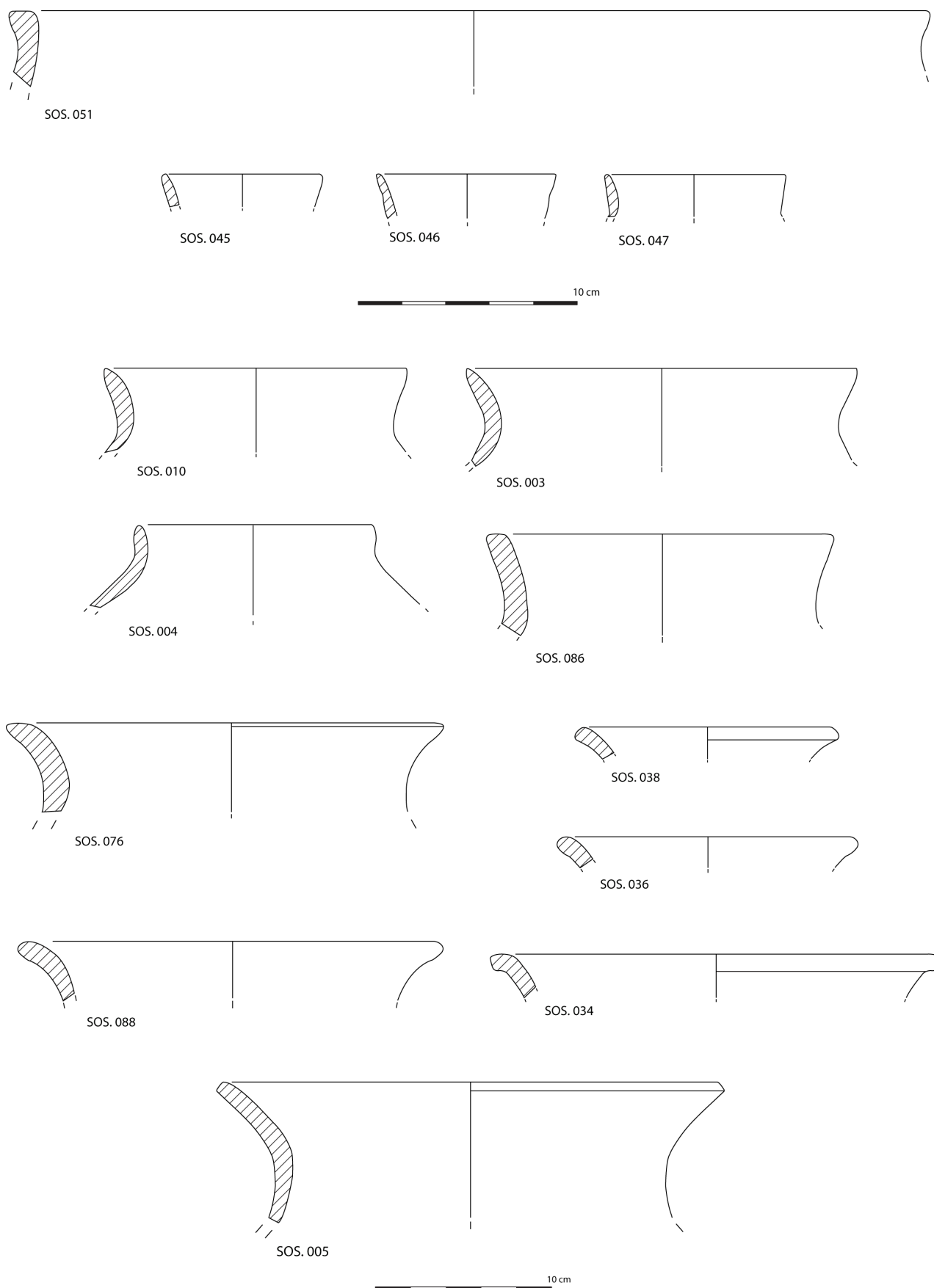


Fig. 7 - Conjunto cerâmico do Bronze Final da Serra do Socorro (grande recipiente, copos, potes de perfil em S e de colo alto).

cuidado, de paredes finas, e ostentam superfícies brunidas (tanto na face externa como na interna). Dois exemplares têm lábios de perfil redondo e um perfil biselado.

Para estes pequenos recipientes é difícil determinar a morfologia do perfil na totalidade, situação que se deve ao elevado grau de fragmentação, potenciada pela maior fragilidade das paredes. A qualidade na sua produção, aliada ainda ao facto de o próprio tratamento de superfície lhes conferir maior impermeabilidade, parece indicar que estes artefactos foram utilizados exclusivamente para o consumo de líquidos.

Esta forma foi identificada na Alcáçova de Santarém (Arruda- Sousa 2015: Fig. 8-9), na Tapada da Ajuda (Cardoso – Silva 2004: Fig. 36, nº2), na Praça da Figueira (Silva 2013: Fig. 8), na Gruta do Correio-Mor (Cardoso 2003: Fig. 56) e na Rua das Alcássimas (Cardoso 2016-17: Fig. 9; Fig. 16).

O grupo mais numeroso integra 32 fragmentos de bordos de recipientes de grande volumetria (Fig.7 e 8). Apesar disso, somente 29 fragmentos integram com segurança os quadros tipológicos estabelecidos. Apesar de ser passível de subdivisão com base nos aspectos morfológicos das peças, este grupo tipológico parece ter cumprido as mesmas funções, referimo-nos à confecção de alimentos e ao respectivo armazenamento.

A primeira variante inclui seis potes de perfil em S da colecção de Gustavo Marques. Estes apresentam o colo estrangulado e, com base na orientação do corpo, podemos intuir uma tendência globular. Três apresentam lábios de perfil biselado, dois de perfil plano e um de perfil redondo. Os diâmetros de abertura não ultrapassam os 13 cm e os fabricos são, para este grupo, diversificados. Com efeito, identificaram-se peças com pastas homogéneas, sólidas e bem depuradas, mas outras são mais grosseiras, com inertes menos calibrados e mal distribuídos. O processo de fabrico segue a tendência da amostra, ou seja, ambientes de cozedura redutores e arrefecimento irregular.

Não deixa de ser curioso que o tratamento de superfície aplicado no interior destes recipientes seja, para três, o polimento, um foi brunido e apenas dois foram alisados. Esta situação delata a necessidade de impermeabilização destes potes, seguramente associada à sua finalidade no quotidiano daquela comunidade.

Esta forma tem paralelo no Cabeço de Alcainça (Ponce 2012: Estampa 7), no Castelo dos Mouros (Cardoso 1997-98a: Fig. 9), na Tapada da Ajuda

(Cardoso – Silva, 2004: Fig. 32 e 36), no Castro do Amaral (Pimenta – Mendes 2010-11: Fig. 17), na Gruta do Correio-Mor (Cardoso 2003: Fig. 52), na Rua das Alcássimas (Cardoso 2016-17: Fig. 5-11), na Alcáçova de Santarém (Arruda – Sousa 2015: Fig. 5), na Praça da Figueira (Silva 2013: Fig. 6 e 10), no Abrunheiro (Cardoso 2010-11a: Quadro 3), no Castelo da Amoreira (Boaventura – Pimenta – Valles 2013: Fig. 7) e no Cabeço do Mouro (Cardoso 2006: Fig. 11 e 13).

Os potes de colo alto e bordo exvertido têm diâmetros que variam entre os 15 e os 22 cm. O fabrico é semelhante ao documentado na variante anterior, podendo oscilar entre produções mais cuidadas ou mais rudes, de pastas relativamente heterogéneas. O tratamento de superfície aplicado, para os três recipientes que correspondem a esta forma, foi o alisamento em ambas faces.

Outro subtipo integra nove potes de paredes de tendência vertical, cujo diâmetro de abertura dos bordos pode variar entre os 12 e os 30 cm (Fig. 8). Os bordos desta variante podem ser mais ou menos exvertidos. As pastas vão ao encontro do que sucede para os grupos já descritos, com maior expressão das pastas sólidas, homogéneas e com abundantes inertes de pequenas dimensões, bem calibrados entre si. O alisamento foi o tratamento de superfície aplicado na totalidade dos recipientes, exceptuando um fragmento que apresenta a superfície externa *cepillada*.

Estes potes surgem com uma assinalável frequência em sítios arqueológicos sincrónicos, tendo sido documentados no Castelo dos Mouros (Cardoso 1997-98a: 173), no Castelo da Amoreira (Boaventura – Pimenta – Valles 2013: Fig. 7), no Castro do Amaral (Pimenta – Mendes 2010-11: Fig. 16), no Cabeço do Mouro (Cardoso 2006: Fig. 9, 11-13), na Alcáçova de Santarém (Arruda – Sousa 2015: Fig. 8), na Praça da Figueira (Silva 2013: Fig. 6, 8, 9, 10 e 15), na Quinta Nova de Santo António (Neto *et al.* 2013: Fig. 17), no Abrunheiro (Cardoso 2010-11a: Fig. 22-26), na Gruta do Correio-Mor (Cardoso 2003: Fig. 54, 55 e 59), na Tapada da Ajuda (Cardoso – Silva 2004: Fig. 44-45) e na Rua das Alcássimas (Cardoso 2016-17: 543).

Dois bordos remetem para um outro subgrupo dos potes, de tendência ovóide, paredes subverticais e têm 15 cm de diâmetro. Um dos fragmentos tem ambas faces alisadas e o outro, polidas.

Foram identificados recipientes análogos no Castelo dos Mouros (Cardoso 1997-98a: Fig. 9), na Alcáçova de Santarém (Arruda – Sousa 2015: Fig. 8 e 10), na Penha Verde (Cardoso 2010-11b: Fig. 4), na Tapada da Ajuda (Cardoso – Silva 2004: Fig. 40-41), na

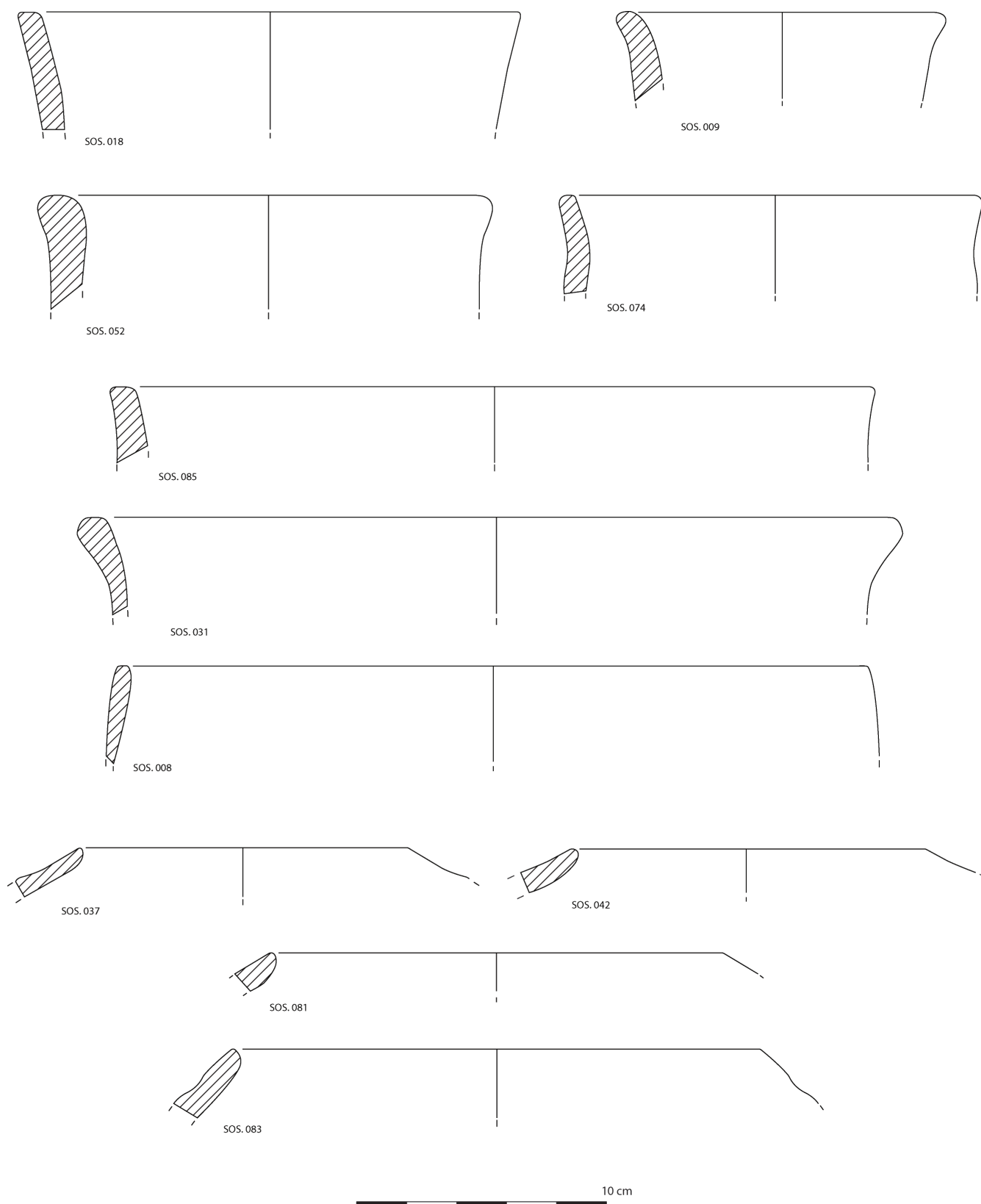


Fig. 8 - Conjunto cerâmico do Bronze Final da Serra do Socorro (potes de paredes verticais, de tendência ovóide e esféricos).

SÍTIOS/FORMA	Taças de Perfil Simples	Taças Carenadas	Grandes Recipientes	Copos	Potes Perfil S	Potes Colo Alto	Potes Paredes Verticais	Potes de Tendência Ovoide	Estéricos
Serra do Socorro	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Cabeço de Alcaíça	✓	✓			✓				✓
Castelo dos Mouros	✓	✓			✓		✓	✓	✓
Castelo da Amoreira	✓	✓			✓		✓		
Castro do Amaral	✓	✓			✓		✓		
Alcáçova de Santarém	✓	✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓
Penha Verde		✓				✓		✓	
Tapada da Ajuda	✓	✓		✓	✓		✓	✓	
Praça da Figueira		✓	✓	✓	✓		✓	✓	
Qta Nova de Sto António	✓	✓					✓	✓	✓
Abrunheiro	✓	✓			✓	✓	✓	✓	✓
Rua das Alcássimas	✓	✓		✓	✓	✓	✓		
Cabeço do Mouro	✓	✓	✓		✓		✓		

Fig. 9 - Expressão das formas cerâmicas documentadas na Serra do Socorro nos povoados do Bronze Final na região.

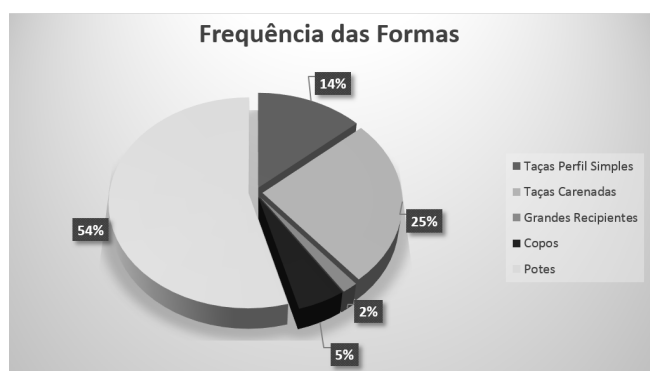


Fig. 10 - Gráfico com percentagens das formas identificadas na colecção de G. Marques.

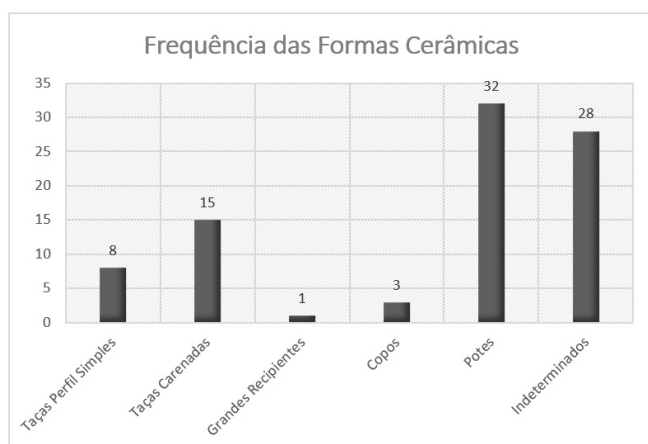


Fig. 11 - Gráfico com número das formas identificadas na colecção de G. Marques.

Praça da Figueira (Silva 2013: Fig.15), na Quinta Nova de Santo António (Neto *et al.* 2013: Fig. 16-17), no Abrunheiro (Cardoso 2010-11a: Fig. 25-26) e na Gruta do Correio-Mor (Cardoso 2003: Fig. 58).

A última variante corresponde aos potes fechados, designados de esféricos (Fig. 8: SOS.37; SOS.042; SOS.081; SOS.083), que reúnem na colecção de Gustavo Marques nove peças. Os diâmetros registados estão compreendidos entre os 12 e os 22 cm. As pastas são porosas, muito sólidas e cozidas em ambiente redutor. O tratamento de superfície aplicado a estas peças foi, na maioria dos casos, o alisamento, concretamente em seis peças, duas foram polidas e apenas uma aparenta ter sido revestida com alguma solução argilosa.

Foram documentados em algumas estações coevas do Bronze Final, concretamente no Cabeço de Alcaíça (Ponce 2012: Estampa 8), no Castelo dos Mouros (Cardoso 1997-98a: Fig. 7, 9 e 13), na Alcáçova de Santarém (Arruda – Sousa 2015: Fig. 10), na Quinta Nova de Santo António (Neto *et al.* 2013: 33) e no Abrunheiro (Cardoso 2010-11a: 55).

Os sete fundos identificados foram recolhidos na Sondagem I e correspondem integralmente a bases planas, não sendo possível averiguar a morfologia original dos recipientes, o que se deve ao elevado grau de fragmentação. De facto, os fundos convexos, quando fragmentados, são facilmente considerados bojos, o que resulta no número inflacionado das bases

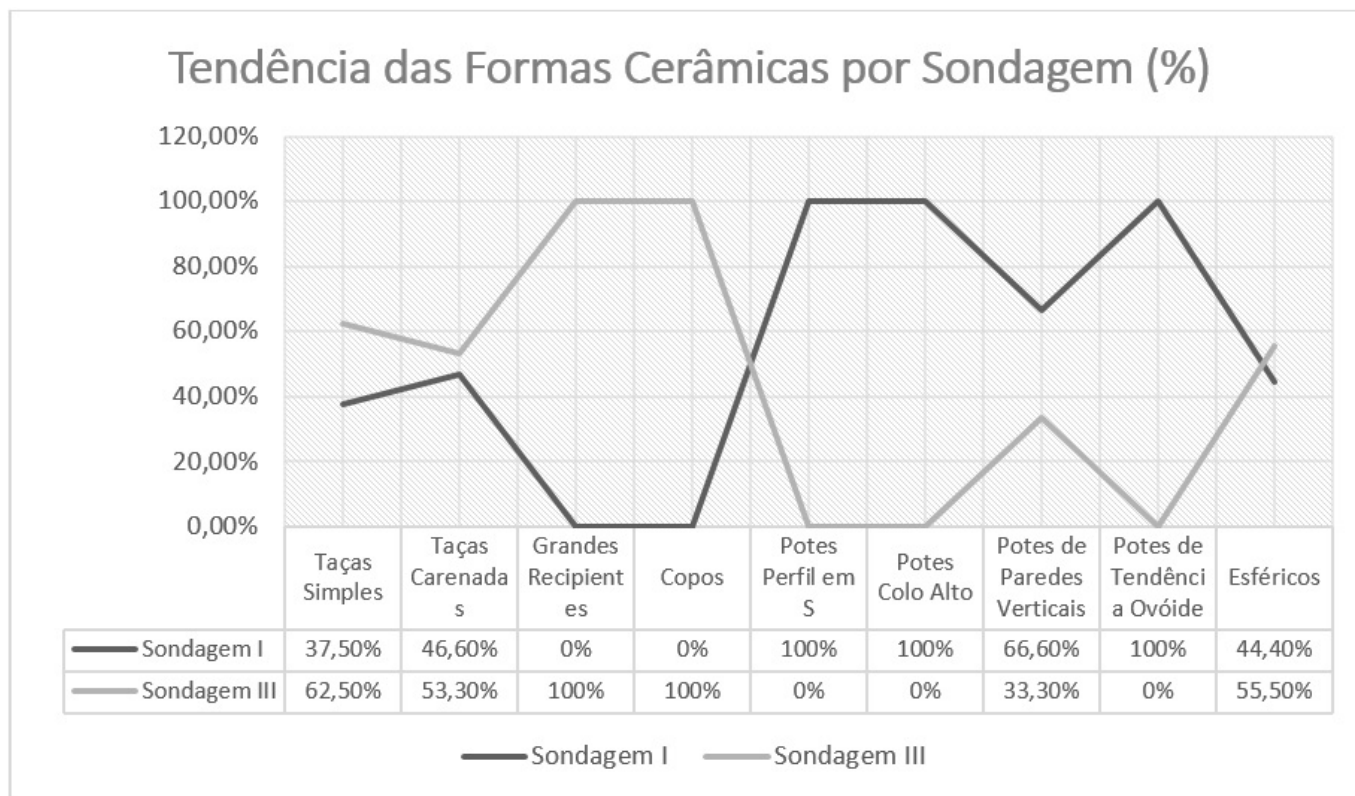


Fig. 12 - Gráfico com percentagem das formas cerâmicas na Sondagem I e Sondagem III.

planas face a estas. Relativamente aos diâmetros, estes fundos apresentam diversas medidas e ocorrem em formas fechadas e abertas.

Não foram identificadas marcas de combustão, indicando que esses recipientes não tiveram um papel activo nos processos de confecção dos alimentos, do mesmo modo que não foram afectados por uma eventual situação de incêndio.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONJUNTO ARTEFACTUAL

Com base no cenário exposto, é evidente que o conjunto cerâmico da Serra do Socorro é integrável nos quadros tipológicos elaborados para outras estações da fase final da Idade do Bronze na Estremadura (Fig. 9).

Tendo por base esses quadros, destaca-se uma maior correspondência com a Alcáçova de Santarém (Arruda – Sousa 2015), a Tapada da Ajuda (Cardoso – Silva, 2004) e o Abrunheiro (Cardoso 2010-11a). Neste sítio, predominam os recipientes de armazenamento, com 56%, face às peças associadas ao consumo de alimentos, com 44% (Fig.10 e 11).

Importa ainda comentar a dicotomia da distribuição das formas nas duas sondagens em

apreço (Fig.12). Enquanto na Sondagem I é notável a predominância dos potes de perfil em S, de colo alto, de paredes verticais e de tendência ovóide, na Sondagem III dominam as taças simples e carenadas, sendo daí proveniente também o único exemplar de um grande recipiente, os copos e os esféricos. Com base nestes dados é tentador intuímos duas áreas de funcionalidade distinta.

A Sondagem I, mais afectada por ocupações posteriores, poderia corresponder a uma área de armazenamento, admitindo que não temos outros argumentos que suportem esta tese além da predominância de potes. Na Sondagem III, associado ao pavimento de argila sobre o afloramento rochoso afeiçãoado, o barro de construção e a predominância de recipientes destinados ao consumo e, eventualmente, confecção de alimentos, sugerem uma área habitacional.

Estranhámos, contudo, a ausência de eventuais estruturas, quer se trate de alinhamentos pétreos ou dos típicos buracos de poste, que circunscrevessem essa área. Tal ausência poderia estar, de alguma forma, relacionada com a reduzida dimensão da área escavada ou ainda com o desmantelamento de eventuais estruturas habitacionais. De facto, Gustavo Marques deixou constância de violações no sítio,



Fig. 13 - Enxó de anfibolito da colecção de G. Marques.

pois na página 141 do caderno de campo, referiu a abertura de alguns buracos na zona Norte da Serra. Refira-se que, apesar de toda a legislação vigente em defesa do património cultural, ainda hoje o sítio é alvo de paulatinas afectações do subsolo.

A peça com decoração brunida manifesta a integração da Serra do Socorro no horizonte artefactual do Bronze Final típico da Estremadura portuguesa. Com efeito, materiais decorados com as mesmas técnicas e motivos decorativos surgem com frequência nesta região, tendo sido documentados em sítios bem destacados na paisagem, mas também em povoados implantados em zonas de altimetria reduzida desprovidos de dispositivos defensivos, de que são exemplos a Quinta do Percevejo em Almada (Barros e Espírito Santo 1991), a Quinta do Marcelo (Barros 1998) e a Rua das Alcássimas em Oeiras (Cardoso 2016-17). Além desses, importa ainda referir os conjuntos de cerâmicas decoradas com motivos brunidos registados em grutas e em reutilizações de antigos monumentos megalíticos, nomeadamente no Abrigo Grande das Bocas (Carreira 1994), na Gruta da Cova da Moura (Belo – Trindade – Ferreira 1961), na Gruta do Correio-Mor (Cardoso 1997-98b; 2003), no Fojo dos Morcegos (Marques 1971), no Poço Velho (Carreira 1990-92), no *Tholos* do Barro (Madeira *et al.*

1972) e *Tholos* do Monge (Ribeiro 1880). Sublinha-se assim, a transversalidade de ocorrências desta decoração a modelos de implantação distintos.

A análise e a caracterização das pastas dos fragmentos decorados permitem admitir um fabrico local, correspondendo, assim, à reprodução dos modelos decorativos que se encontram bem atestados nas áreas adjacentes aos principais cursos de água do território nacional, com maior destaque para o Guadiana, o Sado e o Tejo (Almeida 2014).

Na colecção de Gustavo Marques, depositada no Museu Nacional de Arqueologia, foi ainda identificada uma enxó de anfibolito fragmentada (Fig. 13). Utensílios semelhantes foram documentados noutros contextos do Bronze Final, como o de Castelo da Amoreira, em Odivelas, da Quinta Nova de Santo António, em Cascais, e do depósito votivo do Monte do Sereno, em Sintra (Boaventura – Pimenta – Valles 2013: 398; Neto *et al.* 2013: 37; Ponce 2012: 164 Anexos VI).

A identificação desta peça é outro elemento que permite incluir a Serra do Socorro nas rotas de circulação inter-regionais, em concreto do anfibolito, que tiveram o seu apogeu nas comunidades agro-pastoris durante a transição do 4º para o 3º milénio (Sousa 2010: 638), mas que podem ter permanecido em funcionamento até aos finais do milénio seguinte.

5. DISCUSSÃO

Conquanto possamos admitir as fragilidades de quaisquer propostas aqui avançadas, sobretudo se tivermos em consideração o enquadramento metodológico sob o qual os trabalhos se desenvolveram, bem como o número reduzido de fragmentos classificáveis (59 peças), o conjunto obriga a algumas considerações.

Em primeiro lugar, confirma a ocupação efectiva do local na transição do II para o I milénio a.C., especificamente entre os séculos XI e IX a.C., com base na identificação de um fragmento decorado com motivos brunidos (Cardoso 1999-2000; 2004; 2016-17), ainda que alguns autores problematizem e tentem alargar esta baliza cronológica (Soares 2005: 140).

Por outro lado, com base nas informações do manuscrito de Gustavo Marques, podemos aceitar com alguma segurança a existência de níveis proto-históricos conservados na Sondagem III, de onde recolheu materiais que associou à “Cultura de Alpiarça”, provenientes de uma camada sedimentar, com carvões, que cobria um pavimento de argila.

Apesar de se tratar de uma questão amplamente discutida (Pinto – Parreira 1978: 150-151; Arnaud 1979: 88-89; Fabião 1993; Arruda 1994: 53-54; Calado 1994: 360-362; Vilaça 1995: 30-31; Vilaça – Cruz – Gonçalves 1999: 16), importa aqui tecer algumas considerações acerca da designada “Cultura de Alpiarça”, especialmente atendendo ao facto de Gustavo Marques a referir inúmeras vezes, no caderno de campo, integrando neste “horizonte” as recolhas que efectuou na Serra do Socorro.

Inicialmente proposta por Gil Migueis de Andrade e Gustavo Marques, em 1974, a definição deste “grupo cultural” teve por base critérios tipológicos, procurando integrar em uma única realidade sítios onde se identificaram cerâmicas brunidas e objectos metálicos de excepção (de que são exemplo as fíbulas de dupla mola ou braceletes de bronze).

O facto de se atribuir a estes materiais uma cronologia comum, que os autores admitiam ser situável na II Idade do Ferro, delatou a real limitação do conceito, já que se encontra actualmente comprovada a ampla diacronia destes artefactos, que remonta a cronologias mais antigas que as avançadas por aqueles autores. Neste âmbito, importa referir que alguns dos materiais que integrados na “Cultura de Alpiarça” são hoje considerados importantes fósseis-directores, sobretudo para o final da Idade do Bronze, é o caso dos recipientes decorados com ornatos brunidos, enquanto outros remetem para a fase dos contactos pré-coloniais e, inclusive, para o próprio “período orientalizante”.

O impasse por vezes verificado na atribuição cronológica e cultural de alguns dos materiais associados a essa realidade só poderá ser suprimido com o auxílio de dados contextuais, sublinhando-se a importância acrescida da estratigrafia para esses casos, que irão possibilitar atribuições crono-culturais mais acertadas.

Estranhámos, em certa medida, o facto de as informações que Gustavo Marques nos transmitiu serem contraditórias. Por um lado, relacionou claramente os materiais recolhidos na Sondagem III com uma ocupação da Idade do Ferro, associando-os à “Cultura de Alpiarça”. No entanto, referiu que, nessas camadas, não foi recolhida cerâmica produzida a torno. Contudo, indicou expressamente que, contrariamente a esta sondagem, na Sondagem I a presença de cerâmica a torno (sem especificar a cronologia) era predominante.

Assim, conquanto possamos admitir algum grau de afectação dos níveis da Sondagem I, da qual

a informação no caderno de campo é escassa, para a Sondagem III podemos considerar tratar-se de níveis conservados do Bronze Final, muito possivelmente associados a uma área de habitação, ainda que não tenham sido documentados alicerces de eventuais estruturas do Bronze Final.

No que à implantação diz respeito, a ocupação da Serra do Socorro parece integrar-se no panorama apresentado para outros povoados da zona mais interior da Estremadura, na qual os aglomerados proto-históricos circunscrevem-se a pontos elevados e bem destacados na paisagem (Sousa, 2016, p. 392). Tal situação é ainda corroborada com a cultura material, cujas morfologias identificadas e analisadas neste trabalho encontram paralelos em outras estações sincrónicas.

Podemos também associar, com alguma segurança, a ocupação da Serra do Socorro a um sítio de *habitat*. A sua localização centrada entre o Tejo e o Atlântico poderá intuir um papel de centralidade na malha de povoamento regional, ainda que as limitações do registo bem como do conjunto artefactual não permitam uma caracterização mais aprofundada desta ocupação durante a fase final da Idade do Bronze.

A sua posição estratégica terá permitido à comunidade que ali se fixou, durante o Bronze Final, associar-se a rotas pelas quais circulavam novos produtos e gentes, culminando em novas assimilações socioculturais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, S. (2014) - Estilos e tendências na cerâmica de ornatos brunidos do Sudoeste Peninsular. In VILAÇA, R. e SERRA, M. (coords.) - *Idade do Bronze no Sudoeste: Novas perspectivas sobre uma velha problemática*. Coimbra: 129- 147.
- ARNAUD, J. M. (1979) - Corôa do Frade. Fortificação do Bronze final dos arredores de Évora. Escavações de 1971-1972. *Madriider Mitteilungen* 20: 56-100.
- ARRUDA, A. M. (1994) – A Idade do Ferro do Centro/Sul. In MEDINA, J. (dir.) - *História de Portugal*. Amadora, vol. 2: 45-68.
- ARRUDA, A. M. – SOUSA, E. (2015) – Late Bronze Age in Alcáçova de Santarém (Portugal). *Trabajos de Prehistoria* 72-1: 176-187.
- BALFET, H. – FAUVET-BERTHELOT, M. – MONZÓN, S. (1983) – *Pour la normalisation de la description des poteries*. Paris (Éditions du CNRS).
- BARROS, L. (1998) – *Introdução à Pré e Proto-História de Almada*. Almada.

- BARROS, L. – SANTO, P. (1991) – Quinta do Percevejo – Almada. Uma intervenção de emergência. In *Actas das IV Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa 1990). Lisboa: 333-342.
- BELO, A. – TRINDADE L. – FERREIRA, O. da V. (1961) - A gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 45: 391-418.
- BERROCAL-RANGEL, L. – SILVA, A. C. (2010) – O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). *Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Lisboa (Suplemento de *O Arqueólogo Português* 6).
- BOAVENTURA, R. – PIMENTA, J. – VALLES, E. (2013) – O povoado do Bronze final do Castelo da Amoreira (Odivelas). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20: 623-640.
- CALADO, M. (1994) - A Idade do Bronze. MEDINA, J. (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa, vol. 1: 327-353.
- CARDOSO, J. L. (1997-98a) – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 7: 169-177.
- CARDOSO, J. L. (1997-98b) – As cerâmicas de ornatos brunidos da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 7: 155-167.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000) – Aspectos do Povoamento da Baixa Estremadura no Decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 7: 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 11: 229-321.
- CARDOSO, J. L. (2004) – A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de História regional. Oeiras (*Estudos Arqueológicos de Oeiras* 12).
- CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9-1: 21-46.
- CARDOSO, J. L. (2010-11a) – O Casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18: 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2010-11b) – A ocupação do Bronze Final do povoado pré-histórico da Penha Verde. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18: 579-590.
- CARDOSO, J. L. (2016-17) - A ocupação do Bronze Final do Centro Histórico de Oeiras. Os materiais da Rua das Alcássimas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 23: 531-554.
- CARDOSO, J. L. (2014) – O Bronze Final na Serra de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 21: 361-374.
- CARDOSO, J. L. – SILVA, I. (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7-1: 227-271.
- CARREIRA, J. (1990-92) – As ocupações das Idades do Bronze e do Ferro das grutas do Poço Velho (Cascais). *O Arqueólogo Português*, série IV 8-10: 229-245.
- CARREIRA, J. (1994) – A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM* 2: 47-144.
- DIAS, I. (2017) - *O Bronze Final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- FABIÃO, C. (1993) – O passado Proto-Histórico e Romano. In MATTOSO, J. (ed.) - *História de Portugal*. Lisboa, vol. I: 77-201.
- GORJÃO, S. (1997) – Memórias Paroquiais. *Boletim Cultural de Mafra* 96: 307-344.
- JALHAY, E. (1946) – O monumento pré-histórico do Casal do Zambujal (Torres Vedras). Contribuição para o estudo da época do bronze. *Brotéria* 42-4: 387-393.
- MADEIRA, J. – GONÇALVES, J. – RAPOSO, L. – PARREIRA, R. (1972) – Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena (Barro/Torres Vedras) – notícia prévia. *O Arqueólogo Português*, série III 6: 207-218.
- MARQUES, G. (1971) – Fojo dos Morcegos - Assafora (Sintra). In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, vol. I: 143-150.
- MARQUES, G. (1994) – Outras estações. In PEREIRA, I. (coord.) - Idade do Ferro: catálogo. Figueira da Foz: 66.
- MARQUES, G. – ANDRADE, G. M. (1974) – Aspectos da proto-história do território português. 1 – Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). In *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Porto: 124-148.
- MATIAS, C. (2004) – Serra do Socorro. *Boletim Cultural de Mafra* 2003: 308-355.
- MONTEIRO, M. – CARDOSO, G. (2016) - A ocupação da Idade do Ferro na Serra de Monte Deixo. Moinhos Velhos e Moinho da Mariquitas (Torres Vedras). *EMERITA- Estudos de Arqueologia e Património Cultural* 2: 6-20.
- MONTEIRO M. – PEREIRA A. (2013) - Um depósito votivo da Idade do Bronze na Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): síntese dos trabalhos. *Cira-Arqueologia* 2: 181-194.
- NETO, N. – GONZALEZ, C. – REBELO, P. – SANTOS, R. – ROCHA, M. (2013) – Trabalhos arqueológicos na Quinta Nova de Santo António ou dos Ingleses – Carcavelos. A ocupação do Bronze Final. *Cira – Arqueologia* 2: 19-39.
- OLIVEIRA, C. (2006) – *A Cerâmica Manual do Castelo de Castro Marim*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

- PIMENTA, J. – MENDES, H. (2010/2011) – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18: 591-618.
- PINTO, C. – PARREIRA, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do Estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa 1977)*. Lisboa: 147-163.
- PONCE, M. (2012) – *O Bronze Final na Península de Lisboa. O caso do Cabeço de Alcainça na transição entre o 2.º e o 1.º milénio a.C.* Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Estudos Prehistoricos em Portugal: Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos. II - Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*. Lisboa.
- SILVA, R. (2013) – A ocupação da idade do bronze final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa. *Cira – Arqueologia* 2: 40-102.
- SOARES, A. (2005) – Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8-1: 111-145.
- SOUSA, A. C. (2010) - *O Penedo do Lexim (Mafra) na sequência do Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- SOUSA, E. (2016) – Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa. In SOUSA, A. C., CARVALHO, A. e VIEGAS, C. (eds.) – *Terra e água Escolher as sementes, invocar a deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: 387-401.
- VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 9).
- VILAÇA, R. – CRUZ, D. J. da – GONÇALVES, A. A. B. H. (1999) - A Necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conímbriga* 38: 5-29.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e resenhas bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as resenhas bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

<i>CRISTINA GAMEIRO</i> - A tecnologia lítica do fim do Tardiglaciar no centro de Portugal: o exemplo do Abrigo 1 de Vale de Covões (Soure)	5
<i>JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO - FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ - CRISTÓBAL PÉREZ BAREAS - LILIANA SPANEDDA</i> - Una nueva lectura de las fortificaciones calcolíticas del Cerro de la Virgen (Orce, Granada, España)	25
<i>THOMAS TEWS</i> - A quadratura do círculo: sobre a questão da escolha de planta na arquitectura doméstica, no exemplo da Pré-História Recente e Proto-História na Estremadura Portuguesa ..	39
<i>ÍRIS DA COSTA DIAS</i> - A ocupação da Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras) durante o Bronze Final: a colecção de Gustavo Marques	59
<i>FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ - FERNANDO AMORES CARREDANO - ROCÍO IZQUIERDO DE MONTES - ANA MARÍA JIMÉNEZ FLORES</i> - Dos enterramientos singulares de la necrópolis de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla)	75
<i>FRANCISCO B. GOMES</i> - Equipamentos de culto nos santuários da Idade do Ferro do Sul de Portugal: os altares	101
<i>ANA SOFIA ANTUNES</i> - Fornos / silos aéreos da arquitectura sidérica peninsular: a propósito de uns "fundos de cabana" e de umas estruturas circulares da Azougada	111
<i>ANTONIO M. SÁEZ ROMERO</i> - Pucheros y fogones. Aproximación a la evolución de la producción de «cerámicas de cocina» púnicas y tardopúnicas en Gadir	137
<i>MARIA JOSÉ DE ALMEIDA</i> - Contributo para a normalização do registo de informação arqueológica a partir do estudo da via Emerita-Olisipo por Ebora	167
<i>ALEXANDRA NEPOMUCENO</i> - Fragmentos do Oriente em Leite Vasconcelos	185
<i>DANIEL CARVALHO</i> - A História da Arqueologia no novo milénio: dimensões, métodos e perspectivas para o caso português	195
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de Juan Álvarez García, Francisco B. Gomes e Elisa de Sousa)	205
JEAN GUILAINE. DOUTOR <i>HONORIS CAUSA</i> PELA UNIVERSIDADE DE LISBOA (textos de Mariana Diniz, Victor S. Gonçalves e Jean Guilaine)	213

